



**GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação**

**ISSN 2177-3688**

**FUNÇÕES AMBIENTAIS E/OU ECOLÓGICAS DA BIBLIOTECA:  
AMPLIANDO AS FUNÇÕES SOCIAIS NO ANTROPOCENO**

***ENVIRONMENTAL AND/OR ECOLOGICAL FUNCTIONS OF THE LIBRARY:  
EXPANDING SOCIAL FUNCTIONS IN THE ANTHROPOCENE***

**Franciéle Carneiro Garcês da Silva** - Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

**Natalia Duque Cardona** - Universidade de Antioquia (UdeA)

**Guilherme Fellipin dos Santos** – Universidade de São Paulo (USP)

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** A epistemologia como possibilidade de fundamentar o conhecimento a partir de uma perspectiva latino-americana gera oportunidades para o desenvolvimento da ciência e do conhecimento situado que respondem aos ideais de justiça social. O objetivo desta frase é apresentar a proposta da linha de pesquisa em Biblioteconomia desde Abya-Yala, as funções ecológicas para a biblioteconomia e CI. Historicamente, a biblioteca foi construída em torno de quatro funções sociais: cultural, educacional, política e econômica. À luz da realidade atual, em meio ao Antropoceno e à da crise climática que enfrentamos como espécie, homo sapiens. Este artigo tem como objetivo propor uma quinta função para as bibliotecas: funções ecológicas e/ou ambientais, ligadas aos processos de cuidado, proteção e defesa da natureza e ao papel que as bibliotecas, como instituições naturais, podem desenvolver. Para isso, são utilizados o conceito de decolonialidade da natureza proposto por Catherine Walsh e o paradigma intercultural anticolonial da biblioteconomia e CI. São apresentadas experiências que conectam o parceiro natural e que nos permite refletir sobre as funções ambientais e/ou ecológicas em um contexto de biblioteca. O trabalho encerra com algumas ideias sobre como trabalhar no fortalecimento dessas funções. Este trabalho é produto de da pesquisa pós-doutoral: “Educação de professores e sua articulação com as economias familiares, camponesas e comunitárias (EFCC): um olhar por meio de contextos culturais (PNBI) e escolares (Mesa Nacional de Educaciones Rurales)”, que foi de natureza qualitativa, situada em um paradigma crítico e anticolonial.

**Palavras-chave:** Antropoceno; biblioteca; crise ecológica; patrimônio biocultural; natureza.

**Abstract:** Epistemology as a possibility to base knowledge on a Latin American perspective generates opportunities for the development of science and situated knowledge that respond to ideals of social justice. The purpose of this sentence is to present the proposal from the line of research in Librarianship from Abya-Yala, the ecological functions for librarianship and IC. Historically, the library was built around four social functions: cultural, educational, political and economic. Considering the current reality amidst the Anthropocene and the climate crisis, as a species, homo sapiens, we face, this article aims to propose a fifth function for libraries: ecological and/or environmental functions, linked to the processes of care, protection and defense of nature and the role that libraries as socio-natural institutions can develop. For this, the concept of decoloniality of nature proposed by Catherine Walsh and the anti-colonial intercultural paradigm of library science and IC are used. Experiences are presented that link the natural partner and that allow us to think about environmental and/or ecological functions in a librarian context. It closes with some ideas about how to work on strengthening these functions. This work is the product of postdoctoral research “Lecturer education

and its linkage with family, peasant and community economies (EFCC): a look through cultural (PNBI) and school contexts (Mesa Nacional de Educaciones Rurales)”, which was of a qualitative kind, located in a critical and anti-colonial paradigm.

**Keywords:** Anthropocene; library; ecological crisis; biocultural heritage; nature.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, mais da metade da população reside em áreas urbanas e espera-se que, até meados do século XXI, essa proporção alcance 70 por cento. Essa situação, dentro do contexto do Antropoceno<sup>1</sup>, nos envolve e nos desafia, nos chamando a reconhecer a necessidade de compreender que não apenas vivemos no mundo da vida, inserido na cultura, mas, sim, que simbolicamente existimos na Terra. É urgente reconhecer que os paradigmas hegemônicos e eurocêntricos, baseados no progresso e vinculados aos calendários judaico-cristãos, geralmente se distanciaram da natureza e privilegiaram o desenvolvimento centrado no ser humano.

Refletir e propor modos de articulação entre natureza e cultura, além de uma urgência latente no Antropoceno, é um ato de justiça em relação aos processos de colonialidade em torno da natureza. Catherine Walsh (2007) já previa isso há mais de uma década no âmbito acadêmico, aludindo à colonialidade da natureza, embora esse chamado tenha sido um clamor constante de povos indígenas, camponeses, negros e ciganos.

(...) Com essa dimensão da colonialidade, faço referência à divisão binária cartesiana entre natureza e sociedade, uma divisão que descarta completamente a relação milenar entre seres, plantas e animais, assim como entre eles, os mundos espirituais e os ancestrais (também seres vivos). De fato, essa colonialidade da natureza tem tentado eliminar a relacionalidade que é a base da vida, da cosmologia e do pensamento em muitas comunidades indígenas e afrodescendentes de Abya Yala e América Latina. (...) Portanto, a colonialidade da natureza adiciona um elemento fundamental aos padrões de poder discutidos (partindo assim deles e constantemente se conectando a eles): o domínio sobre as racionalidades culturais, que essencialmente formam os alicerces do ser e do saber. É a relação contínua do ser com o pensar, com o saber e com o conhecer, que parte de uma ligação fluida entre três mundos: o mundo biofísico abaixo, o mundo supranatural acima e o mundo humano de agora, bem como as formas e condições tanto do ser como do estar neles (WALSH, 2007, p. 106).

A possibilidade de abordar, por meio da decolonialidade da natureza, uma era geológica, e questionar o lugar de dispositivos culturais como a biblioteca diante dos desafios

---

<sup>1</sup> Segundo Trischler (2017, p. 49-51) O Antropoceno como conceito cultural confunde os limites estabelecidos em muitas áreas. O mais importante, porém, é que abre a possibilidade de nos libertarmos das dicotomias tradicionais, como a natureza-cultura, e de redefinir a relação entre o ambiente e a sociedade como inextricavelmente interligados. O Antropoceno, em última análise, torna possível uma mudança de perspectiva sobre a humanidade e nossa singularidade entre as outras espécies do planeta.

e problemas atuais, implica em importantes desafios para o campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (CI). Isso envolve insistir na necessidade de um paradigma intercultural-anticolonial baseado na proposta epistemológica “Bibliotecas desde Abya-Yala”. Nesse sentido, é preciso avançar na compreensão socioambiental de instituições como a biblioteca, ampliar o patrimônio cultural para incluir o patrimônio natural, e articular de forma orgânica as funções econômicas e/ou produtivas da biblioteca com as funções ecológicas e/ou ambientais, de acordo com os desafios e problemas da América Latina e do Caribe. Isso implica trabalhar no desenvolvimento de políticas públicas que fortaleçam a natureza, especialmente o campo e as áreas rurais, por meio de uma conexão com o território.

**Quadro 1** - Funções sociais da biblioteca

| Funções sociais da biblioteca          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|----------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Culturais e/ou simbólicas</b>       | Preservar e difundir a cultura por meio do patrimônio cultural.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Educativas e/ou formativas</b>      | Apoiar ou complementar instituições formais e informais nas tarefas de formação de leitores e alfabetização. Apoiar a educação contínua das pessoas, ampliando seu capital cultural e simbólico.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Políticas e/ou de cidadanização</b> | Acolher os cidadãos e auxiliar em sua plena integração a uma ordem mundial (...) promoção de uma sociedade moderna, de cunho liberal democrático, fomentadora da individualidade e que visa à ação comunicativa racional. (ÁLVAREZ-ZAPATA, D. et.al. 2008, p. 192)<br><br>Garantir o acesso a direitos humanos (culturais), constitucionais (informação) e ambientais (ambiente saudável e equilibrado para o desenvolvimento humano)<br><br>Alfabetizar criticamente (Freire) de modo que se caminhe em direção à assunção de uma cidadania crítica capaz de compreender, questionar e transformar o contexto a partir de. |
| <b>Econômicas e/ou produtivas</b>      | Contribuir para o bem-estar social, uma vez que as bibliotecas <del>contribuem</del> colaboram, por meio de seus espaços, serviços e atividades para a melhoria da qualidade de vida. Elas são centros para o desenvolvimento econômico de suas comunidades.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Ecológicas e/ou ambientais</b>      | Contribuir para uma consciência contemporânea da crise ecológica que ocorre na era do Antropoceno, ou seja, a possibilidade de conscientizar-se da transformação que o sistema terrestre sofreu devido à nossa ação humana, trabalhando no presente para projetar um futuro.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

## 2 DA CRISE ECOLÓGICA AO LUGAR DE CRISE ECOLÓGICA NA BIBLIOTECA

### 2.1 A crise ecológica, as condições atuais

O Antropoceno nos lembra que a natureza e a sociedade estão profundamente relacionadas. Jürgen Renn e Bern Schererr destacam seu protagonismo, afirmando que o Antropoceno revela que as ciências e a cultura não fazem parte de uma zona de conforto a partir da qual o mundo pode ser observado e descrito. Pelo contrário, elas são parte dos processos com os quais operamos nele. Isso significa que também constroem o mundo que descrevem (ARIAS-MALDONADO, 2018). Portanto, é um conceito que expressa a impossibilidade de pensar “a humanidade sem mundo”, de isolar os processos da vida na dimensão chamada “cultural” de sua contraparte, a dimensão “natural” (HARAWAY, 2016; TSING, 2015).

A origem do conceito já expressava a necessidade de aproximar as dinâmicas humanas das forças planetárias da natureza - ou, em outras palavras, entender a força geológica do impacto humano na vida do planeta. Os cientistas Paul Crutzen e Eugene Stoermer, os primeiros proponentes da chegada do Antropoceno, trouxeram alguns dados comparativos sobre o impacto antropogênico na Terra em relação aos seus parâmetros “naturais”, em seu artigo de 2000. Já naquele ano, a liberação de  $\text{SO}_2$  na atmosfera devido à queima de carvão e petróleo era o dobro das emissões combinadas de todos os processos naturais do planeta. Mais nitrogênio estava sendo fixado sinteticamente e aplicado como fertilizante na agricultura do que sendo fixado naturalmente em todos os ecossistemas terrestres (CRUTZEN; STOERMER, 2000).

E desde o ano 2000, além de todas as tentativas de governos e organizações internacionais de tecer estratégias globais para reverter o aquecimento global e a crise climática, os últimos relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas (IPCC-ONU) deixam claro que estamos acelerando na direção do desastre climático planetário. As emissões de carbono foram as maiores da história da humanidade entre os anos de 2010 à 2019. Por isso, o Antropoceno representa, precisamente, a conscientização da chegada de um novo período da vida na Terra, em que a humanidade é sim uma força geológica, capaz de mudar parâmetros planetários.

Embora haja um consenso científico em torno da responsabilidade direta da humanidade na crise climática (LATOURET, 2020), o debate do Antropoceno gira em torno da “data” em que esse novo período da vida começou e o período anterior se encerrou. Como uma nova era geológica, busca-se por marcadores estratigráficos que possam evidenciar a

presença da humanidade como um agente geológico. Existem três propostas principais de marcos relacionados a eventos históricos como a data inaugural do Antropoceno:

- A dos criadores do termo, Crutzen e Stoermer, na metade do século XVIII, aproximadamente perto do ano da invenção da primeira máquina a vapor (CRUTZEN; STOERMER, 2000).
- A de James Scott, que indica alterações substanciais no clima do planeta com a Colonização e as destruições de ecossistemas (SCOTT, 2017).
- De outros pesquisadores, como Anna Tsing, que consideram a detonação da primeira bomba atômica, um episódio no qual o solo terrestre foi indubitavelmente contaminado por radiação, como marco da mudança em direção ao Antropoceno (TSING, 2015; ZALASIEWICZ *et al.*, 2017).

De qualquer forma, as três propostas aproximam-se ao considerar que, além de responder quando o Antropoceno começa, é mais importante entender o fato de que houve um determinado período de condições de vida no planeta em que a humanidade, suas sociabilidades, suas ciências, conhecimentos, imaginários, símbolos, significados, utopias e mitos se desenvolveram (que, por exemplo, pode incluir todo o passado anterior ao século XVI, ao XVIII ou mesmo à segunda metade do século XX), e que esse período não existe mais. A chegada do Antropoceno representa a marcação de uma descontinuidade entre um mundo e certas possibilidades de vida nele para outro em que “o que vem depois não será como o que veio antes” (HARAWAY, 2016, p. 100).

Em outras palavras, o Antropoceno também significa que a data de validade do Capitalismo em seu formato atual está próxima, uma vez que as condições planetárias para o seu desenvolvimento estão se esgotando, e não há possibilidade de voltar atrás para outro momento desse sistema. “Não está apenas à nossa frente, (...), mas, em grande parte, atrás de nós: já começou a acontecer e não pode ser revertido” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017). “Escondida pela profusão de guerras mundiais, guerras coloniais e ameaças nucleares, haveria, no século XX - o 'século clássico da guerra' - outra guerra, também mundial, também total, também colonial, que vivemos sem experimentar” (LATOURE, 2020). Para responder ao Antropoceno, há dois caminhos possíveis para a humanidade. O primeiro é tentar soluções dentro da lógica do sistema que, desde muito cedo em sua existência, foi responsável pelo tratamento da natureza como objeto explorável, como recurso, e que até agora só acelerou

em direção ao desastre climático global. Esse cenário inevitavelmente leva ao esgotamento das condições de vida (e produção) que atualmente permitem a sobrevivência do Capitalismo. O que vem depois não pode ser conhecido.

A segunda possibilidade é buscar, fora do Capitalismo, outras cosmologias, outras sociabilidades, outros conhecimentos, outras utopias, ou seja, outros mundos possíveis para que possamos semear, fora do destino do desastre climático. É necessário construir novos paradigmas da ciência e do conhecimento que possam servir como ferramentas para significar a realidade de maneira diferente, claramente alternativa à epistemologia capitalista, que também é colonial e baseada na herança colonial. Nesse sentido, o paradigma intercultural-anticolonial sustentado pela proposta epistemológica “Bibliotecas desde Abya-Yala” para a Biblioteconomia e Ciência da Informação é de imensa importância.

Essa proposta busca justamente romper com a posição definitiva e anti-histórica ocupada pela cultura e pela epistemologia do Capitalismo. A partir desse arcabouço teórico, é possível tanto tornar mais concreta a historicidade desse sistema hegemônico, seus vazios, ruínas, inconsistências, ou seja, totalizá-lo, quanto também aprender a ouvir as diversas e diferentes cosmologias e epistemologias que resistem aos esforços biopolíticos do Capitalismo em colonizar o mundo, seu passado, seu presente e seu futuro. Se o resultado de todas as transformações desse sistema hegemônico ao longo da história é uma corrida cega cada vez mais rápida em direção ao fim concreto das condições de vida no planeta, é urgente buscar outros caminhos para a vida resistir.

## **2.2 Qual é o papel das bibliotecas na crise ecológica?**

Se partirmos do reconhecimento de que “culturas e sociedades se interconectaram, a economia se globalizou e o impacto no meio ambiente se manifesta na extinção da natureza selvagem, na mudança climática e na rápida perda da biodiversidade” (ARIAS-MALDONADO, 2018, p. 44), seria inevitável pensar que essa preocupação nos envolve a todos, independentemente do lugar em que vivemos.

A Biblioteconomia e a CI (Ciência da Informação), como disciplinas científicas pertencentes às Ciências Humanas e Sociais, historicamente têm desempenhado funções sociais. Isso implica tarefas assumidas em relação à organização social, comunidades e indivíduos em torno da cultura, dos acordos culturais que buscam o desenvolvimento de um tipo de sociedade e de sujeito. Em geral, mencionamos que existem quatro funções associadas

à instituição da biblioteca, até agora conhecida como social e emblemática nos campos disciplinares. Essas são funções culturais e/ou simbólicas, educativas e/ou formativas, políticas e/ou de cidadania, e econômicas e/ou produtivas.

No entanto, essas funções não respondem apenas à história e ao desenvolvimento da ciência, mas também a uma maneira de compreender o mundo em relação à cultura, que temos entendido como o oposto da natureza e, nas palavras de Mosterín (1994), como a informação transmitida por meio do aprendizado social. No entanto, atualmente nos deparamos com um cenário que coloca em tensão definições rígidas, assim como separações históricas em relação ao tipo de sociedade e mundo que desejamos. Isso leva as ciências exatas, naturais, humanas e sociais a se questionarem sobre o que fazer diante da transição do Holoceno para o Antropoceno, bem como as consequências dessa transição.

É fundamental propor partir da compreensão da natureza e da cultura como dois elementos interconectados e interdependentes, possibilitando-nos elucidar como as instituições sociais nesta era transitam para instituições socio-naturais. Uma vez que o

Antropoceno equivale ao fim da natureza como a entendíamos. Não é que o natural tenha sido substituído pelo artificial, mas sim que ambos se imbricaram de forma irreversível: o sinal da relação socio-natural contemporânea não é o antagonismo entre sociedade e natureza, mas sim a sua crescente hibridação (MOSTERÍN, 1994, p. 70).

Uma perspectiva imbricada de natureza e cultura se enquadra em um paradigma intercultural e anticolonial da biblioteconomia e da CI.

A possibilidade de um paradigma intercultural possibilita mais do que reinventar, observar com uma lente diferente daquela usada habitualmente, abrindo espaço para outros conhecimentos, epistemes e discursos, que permitem ampliar a compreensão sobre a informação, por exemplo, em termos de produção e transferência de conhecimentos locais (DUQUE-CARDONA, 2020, p. 66).

Pode-se mencionar, como exemplo proposto, a inclusão do patrimônio cultural imaterial, em torno de práticas relacionadas à oralidade e ao trabalho articulado com bens naturais e patrimônio biocultural. Este último, além de grandes desafios, nos apresenta enormes oportunidades para expandir a perspectiva da leitura para um espectro não alfanumérico. Especificamente no campo do patrimônio biocultural, é importante articular-se a processos relacionados às economias camponesas, onde a relação entre natureza e cultura é perene. As bibliotecas de sementes, as práticas de educação leitora que buscam fortalecer

as economias e comunidades camponesas, ou os projetos pedagógicos produtivos, são bons exemplos nesse sentido.

Embora o Antropoceno alerte para a crise ecológica, também é uma oportunidade sem precedentes para reconhecer que a separação entre natureza e cultura se baseia exclusivamente em acordos culturais, e através de uma ecologia reconciliadora, uma instituição socioambiental como a biblioteca pode-se contribuir para a restauração ecológica. “No Antropoceno, os pressupostos da gestão ambiental devem se adaptar a uma realidade híbrida, onde os processos sociais e naturais estão entrelaçados e os seres humanos fazem parte permanente da paisagem” (DUQUE-CARDONA, 2020, p. 80).

Existem alguns elementos que a biblioteca poderia e deveria cuidar, se pretendemos falar de funções ambientais e/ou ecológicas como parte de suas funções sociais, a saber: a) Direitos e justiça ambiental; b) Patrimônio natural; c) Soberania e segurança alimentar; d) Políticas públicas relacionadas ao campo e à ruralidade; e) Economias camponesas; f) Mudanças climáticas; g) Degradação da biosfera; h) Alterações biogeoquímicas; e i) Ecossistemas antropogênicos.

Nessa linha de ideias, o propósito das funções ambientais e/ou ecológicas da biblioteca como uma instituição socioambiental é contribuir para uma consciência contemporânea da crise ecológica que ocorre na era do Antropoceno, ou seja, a possibilidade de conscientizar-se da transformação que o sistema terrestre sofreu devido à nossa ação humana, trabalhando no presente para projetar um futuro.

### **3 SULEANDO A PALAVRA NAS BIBLIOTECAS**

A proposta metodológica de SULEar surge nos anos 1990, por autoria de Márcio D'Oliveira Campos. No caso da Biblioteconomia e da CI, esse exercício corresponde à insistência em uma epistemologia desde Abya-Yala<sup>2</sup> e, nesse caso, arriscar a propor funções ecológicas e/ou ambientais que nos permitam criar caminhos interculturais e interétnicos, buscando

---

<sup>2</sup> Abya-Yala é uma forma de nomear a América Latina, referindo-se a um território fértil e plenamente maduro, referindo-se, segundo Maldonado e Romero (2016) a Terra Madura, Terra Viva ou Terra Florescente e foi o termo utilizado pelos Kuna, um dos povos indígenas que vivem na Colômbia e no Panamá, para designar o território incluído no continente americano. De acordo com o momento histórico vivido, referiram-se a este território de diferentes formas: Kualagum Yala, Tagargun Yala, Tinya Yala e Abya Yala, sendo esta última a que coincidiu com a chegada dos espanhóis. O termo Abya Yala é, por si só, um símbolo de identidade e respeito pelas raízes dos povos originários. Nesse sentido, o poema Abya Yala Wawgeykuna (Irmãos Americanos), originário do povo Quechua da Argentina, apela à unidade dos povos para manterem presente a sua origem e continuarem o seu caminho seguindo as pegadas dos seus antepassados.

referências não dominantes, libertadoras e que promovam o reconhecimento, o respeito e a convivência entre todas as possibilidades de mundo. É necessário adotar novas formas de pensamento que questionem as estruturas estabelecidas e reconheçam todas as diferentes perspectivas (LANDA, 2022). Um verbo que se constrói ao caminhar.

Atualmente, o mais próximo que temos para nos aproximarmos do que chamamos de funções ecológicas e/ou ambientais, no campo bibliotecário, é a ideia de bibliotecas verdes e sustentáveis proposta pela IFLA (2022, n.p.), a qual infere: “é uma biblioteca que leva em consideração a sustentabilidade ambiental, econômica e social. Bibliotecas ecológicas e sustentáveis podem ser de qualquer tamanho, mas devem ter uma agenda de sustentabilidade”.

No entanto, essa definição é limitada para os desafios e oportunidades nesta era geológica. Além disso, em relação a um paradigma intercultural anticolonial da Biblioteconomia e da CI, privilegia-se a biblioteca como instituição social, e a proposta que apresentamos é que ela seja uma instituição socioambiental. Reconhecemos, no entanto, na proposta da IFLA, um ponto inicial que pode ser enriquecido com trabalhos inter e extradisciplinares, bem como a partir do conhecimento situado. Nesse sentido, algumas ideias são fundamentais ao pensar na biblioteca como uma instituição socioambiental.

- A biblioteca, entendida como instituição socio natural, se afasta de um paradigma clássico que considera uma ideia tradicional de biblioteca vinculada ao patrimônio bibliográfico e documental. Nesse sentido, as bibliotecas nos permitem aproximar-nos da pluralidade e riqueza em relação à natureza e à cultura por meio de diversas possibilidades, como o patrimônio biocultural e o cultural imaterial.
- Em uma perspectiva de biblioteca como instituição socio natural, é fundamental vincular de forma estratégica as funções econômicas com as funções ecológicas, uma vez que isso pode possibilitar cenários rurais e práticas como as economias camponesas, que são fundamentais para a redução das desigualdades sociais na América Latina e no Caribe.
- A biblioteca, como dispositivo cultural, é um lugar onde as relações sociais são estabelecidas e reproduzidas, assim como a disputa pela legitimidade de seus significados, em constante conexão dinâmica com processos gerais da sociedade. Por esse motivo, mais do que incluir o patrimônio biocultural e cultural imaterial

como outros conteúdos organizados pela biblioteca, ela está em uma posição privilegiada para reformular a sociabilidade entre sujeitos humanos e não humanos, tradicionalmente colocados em campos isolados da cultura em contraste com a natureza.

No entanto, existem algumas experiências que buscamos apresentar por meio deste exercício, as quais podem nos fornecer *insights* em relação à ideia de uma perspectiva socio natural para pensar a biblioteca e suas funções ecológicas.

**Quadro 2** – Bibliotecas que trazem uma perspectiva socio natural e ecológica

| BIBLIOTECA                                | Localização | América do Norte. México, Oaxaca                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-------------------------------------------|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Biblioteca de Semillas de Oaxaca          | Propósito   | As bibliotecas de sementes comunitárias armazenam, gerenciam e preservam a qualidade das sementes obtidas pelos membros da comunidade, para distribuí-las novamente entre esses membros quando necessário. Elas se encarregam de preservar as variedades adaptadas às condições de cada região, que fazem parte da identidade da comunidade e de seu povo. Nesse sentido, podem ajudar os agricultores a ter acesso a sementes para usar na próxima temporada de cultivo ou enfrentar uma emergência.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Red de Semillas Libre de Colombia         | Localização | América do Sul, Colômbia.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|                                           | Propósito   | É um espaço aberto e descentralizado de organizações locais e sociais, onde convergem comunidades camponesas, indígenas, afro-colombianas e pequenos produtores, agricultores urbanos, ONGs, grupos acadêmicos, coletivos artísticos e consumidores, que se articulam em nível local, regional e nacional; e que buscam promover ações e iniciativas para fortalecer o controle local das sementes e sua defesa frente a políticas e leis que permitem a privatização e o controle monopolista das sementes, ameaçando a soberania e autonomia alimentar dos povos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| Biblioteca de Semillas criollas y nativas | Localização | América do Sul, Envigado. Colômbia                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|                                           | Propósito   | Com a regulamentação das sementes, nos tornamos dependentes das sementes certificadas e, assim, <b>nossa soberania alimentar e econômica fica vulnerável</b> , pois não podemos plantar, colher ou compartilhá-las livremente.<br>As sementes crioulas e nativas são vida, legado, memória e bem comum. São patrimônio biocultural essencial para a diversidade alimentar de todas as comunidades. E queremos que continuem sendo preservadas, cuidadas, aprimoradas, produzidas e compartilhadas livremente, assim como diversos povos fizeram ao longo da história. Por isso, na Biblioteca Otraparte, nasce a <b>Biblioteca de Sementes Crioulas e Nativas</b> , uma estratégia piloto que surge com uma abordagem educativa ambiental e agroecológica, para fortalecer o tecido social e promover a solidariedade, a troca de conhecimentos, a participação comunitária, a alimentação consciente e as práticas de horta urbana e rural. |

|                                 |             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------|-------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Bibliotecas y ruralidad</b>  | Localização | América do Sul, Nariño, Colombia                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|                                 | Propósito   | Biblioteca e Ruralidade é um projeto de pesquisa-criação que explora a relação entre os conceitos e imaginários da biblioteca e da ruralidade. Sob a linha de bibliotecas, outras bibliotecas e bibliotecas com outros nomes, o projeto reconhece e sistematiza iniciativas públicas e comunitárias cujas práticas se enquadram na atividade bibliotecária. Sob a linha de acompanhamento comunitário, Biblioteca e Ruralidade acompanha e documenta o processo 'metodológico' pelo qual ocorre o 'despertar' da Biblioteca Saberes de los Machines no município de Cumbal - Nariño. Como resultado dessa sistematização, é desenvolvida uma caixa de ferramentas destinada a facilitar e estimular processos comunitários em outros contextos. |
| <b>Red de Futuros Indígenas</b> | Localização | América do Norte, México.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|                                 | Descrição   | <b>Futuros Indígenas é uma rede de resistências narrativas.</b> Em tempos de crise climática, eles plantam histórias e ações em defesa de seus territórios, corpos e espíritos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

As experiências apresentadas no quadro 2 correspondem a processos sociais e comunitários que, numa perspectiva ligada às funções ecológicas, abordam a dignidade das pessoas a partir do cuidado e defesa das sementes nativas, ao mesmo tempo que trabalham questões ligadas à soberania e segurança alimentar, como as Bibliotecas de Sementes e a Rede Colombiana de Sementes Gratuitas. E nesta ordem de ideias, Bibliotecas e Ruralidade como exercício consciente, cuidadoso e respeitoso dos territórios, caminha pela palavra procurando formas de dizer biblioteca que sejam consonantes com os territórios. Em exemplos como os apresentados, esperamos que não só se encontre inspiração, mas alternativas reais e concretas em favor do fortalecimento das funções ecológicas da biblioteca.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso da América Latina e do Caribe, o fortalecimento das funções ecológicas no campo bibliotecário e nas disciplinas biblioteconômicas e informacionais é uma necessidade iminente que transcende até mesmo o âmbito da cultura, conectando-se com a natureza por meio da ideia do socioambiental e visando contribuir para um bem comum, para uma casa comum que é o planeta Terra. É importante ressaltar que as propostas que apresentamos como encerramento do artigo, embora não sejam realmente conclusões, são situadas, uma vez que respondem aos desafios que temos como região. Enumeramos três temas que consideramos relacionados e interligados com a biblioteca e sua dinâmica como um

organismo vivo, como nos lembra Ranganathan, e que podem orientar ideias para dar vida às funções ecológicas.

- *Saberes intergeracionais em torno do patrimônio natural e patrimônio cultural imaterial*: Em relação a um dos principais ativos que a biblioteca tem preservado, a informação, descobrimos que sua conexão com as funções ecológicas e/ou ambientais envolve o trabalho em torno de conhecimentos intergeracionais que ligam a natureza e a cultura. Ou seja, a dinamização do conhecimento em torno do patrimônio cultural imaterial, conforme definido pela UNESCO (2004), é composto por expressões culturais e tradições transmitidas de geração em geração. Isso engloba línguas, histórias e contos populares, música e dança, artes marciais, festividades, culinária, artesanato, entre outros. Essas manifestações são preservadas por meio de registros físicos, como som e imagem, e sua divulgação tem o propósito de transmiti-las às futuras gerações. A UNESCO criou o programa Tesouros Humanos Vivos para evitar a desvalorização das culturas tradicionais. Ele busca reconhecer artesãos por meio de uma distinção que destaca sua habilidade e conhecimento, permitindo-lhes compartilhar seu ofício com as gerações futuras (UNESCO, 2004). E o patrimônio natural, de acordo com a UNESCO (2004), refere-se a: a) Formações físicas e biológicas, como glaciares, ilhas, cavernas, florestas, montanha; b) Habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas de extinção, como recifes de coral, florestas tropicais, áreas úmidas, etc; e c) Áreas naturais estritamente delimitadas, como parques nacionais.

A UNESCO também contempla as “paisagens culturais”. Estas são paisagens que representam a fusão harmoniosa entre a natureza e o ser humano. São o resultado de uma longa relação entre as comunidades e seu ambiente, e testemunham a criatividade humana. Os arrozais em terraços nas cordilheiras Filipinas são um bom exemplo: há 2000 anos, a população tem cultivado arroz em terraços nas encostas das montanhas. (UNESCO, 2004)

Em relação ao patrimônio cultural, é importante destacar que questionar a distinção entre cultura e natureza nos leva a insistir na necessidade de um trabalho que se relacione com outros tipos de patrimônio cultural, além do bibliográfico e documental. Assim, isso representa uma oportunidade para que a biblioteca, como uma instituição socio natural e com uma perspectiva intercultural anticolonial, seja criada, cultivada e cuidada como um ser vivo.

A partir da perspectiva andina, a natureza é considerada como um ser vivo que requer ser criado, protegido, cuidado e nutrido. Essa peculiar cultura de convivência com a natureza é conhecida a partir do conceito de Proyecto Andino de Tecnologías Campesinas -PRACTEC<sup>3</sup> como um processo de criação mútua, que pressupõe a afirmação incondicional da vida e do amor pela vida (VILLEGAS-PAREDES, 2023).

Assim, em torno dos saberes intergeracionais, avivar as funções ecológicas e/ou ambientais da biblioteca é um convite para criá-la, apegar-se a ela e construir a partir dela futuros possíveis em meio à atual crise ecológica.

- *Transição de um paradigma de progresso para um paradigma de sustentabilidade.*

No entanto, é urgente que, em torno da atual crise ecológica, sejamos conscientes de que o ponto em que nos encontramos é consequência de um progresso desenfreado, que negligenciou o fato de que, antes de sermos seres sociais, somos parte de um ecossistema maior que requer o apoio mútuo de todas as suas partes para se manter e evoluir, o qual “não é apenas um argumento a favor de uma origem pré-humana dos instintos morais, mas também como uma lei da natureza e um fator de evolução” (KROPOTKIN, 2022, p. 11).

O progresso, do lado do desenvolvimento e dos sistemas econômicos capitalistas, que valorizam a individualidade em detrimento da coletividade, tem resultado na sobrevivência do mais forte em vez da cooperação para garantir melhores condições de ser e estar. Propor, no campo bibliotecário, avançar de um paradigma de progresso para um de sustentabilidade, reconhecendo a biblioteca como instituição socio natural, implica que sua configuração responda a princípios comunitários, de cooperação, e esteja situada em seus territórios, por

---

<sup>3</sup> A PRATEC é uma organização não governamental formada por um grupo de profissionais dedicados à dinâmica de formação, pesquisa, revitalização da fazenda e difusão da sabedoria de nossos povos andino-amazônicos. Há mais de 30 anos acompanha diversas ONGs (Núcleos de Afirmação Cultural Andina – NACAS) e grupos de agricultores em uma proposta de afirmação cultural com ênfase nos aspectos de cultivo da diversidade. Tudo começou em novembro de 1986 em Urubamba. Foi fundada por Grimaldo Rengifo Vásquez, Eduardo Grillo Fernández, François Greslou e Marcela Velásquez. Em junho de 1988 assumiu a forma jurídica de PRATEC com sede em Lima. 30 anos de experiência na área de formação contribuíram para preencher uma lacuna na formação e formação de profissionais e técnicos em agrobiodiversidade no país. Programas de formação em cultura e agricultura andina têm sido realizados e coordenados na região andina do Peru e da Bolívia, em conjunto com universidades locais, permitindo assim a formação de pessoal técnico capaz de compreender a íntima relação que existe entre biodiversidade e cultura. Isto procura reforçar os esforços dos camponeses para manter e aumentar a diversidade das plantas cultivadas e da sua cultura, que são a base da subsistência de milhares de famílias. Disponível em: <https://ecoversities.org/ecoversity/pratec-proyecto-andino-de-tecnologias-campesinas/> Acesso em: 20 ago. 2022.

meio de uma ideia de sustentabilidade forte “que adere ao princípio de que os capitais não são substituíveis ou compensáveis e garante que as gerações futuras terão acesso, pelo menos na mesma proporção, aos recursos existentes no presente” (IMBAQUINGO, 2023, p. 90).

- *Vinculação das políticas agrícolas com as práticas educativas e culturais:* As políticas relacionadas ao Desenvolvimento Agrícola e Rural estão prioritariamente presentes nas agendas políticas da região, uma vez que as disparidades de desigualdade estão relacionadas à propriedade da terra. Dessa forma, a vinculação de políticas agrícolas contextualizadas no âmbito das economias camponesas com instituições socioambientais como as bibliotecas implica a conexão das funções ecológicas e/ou ambientais com as funções econômicas e/ou produtivas.

Isso implica questionar como instituições que historicamente conhecemos como sociais (bibliotecas e escolas) podem contribuir para o fortalecimento e implementação de políticas públicas agrícolas, materializadas em economias camponesas, por meio do diálogo de saberes inicialmente proposto e da ligação com o patrimônio cultural imaterial e natural.

## REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ-ZAPATA, D.; OCAMPO MOLINA, N. Y.; GIRALDO GIRALDO, Y. N.; GUERRA SIERRA, L. M.; MELGAR ESTRADA, L.; GÓMEZ VARGAS, M. La promoción de la lectura en las bibliotecas públicas de Medellín. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Medellín, v. 31, n. 1, p. 161-205. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1790/179014347008.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- ARIAS-MALDONADO, M. **Antropoceno**: la política en la era humana. Barcelona: Taurus., 2018.
- CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. **The “Anthropocene”**. Estocolmo: Global Change Newsletter, 2000.
- DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2017.
- DUQUE- CARDONA, N. ¿Ciencia de la información para qué y para quién? Aproximación a los paradigmas de la Ciencia de la Información en el contexto universitario. In: CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G. **Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: Contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha, 2020. p. 45-72.
- HARAWAY, D. **Staying with the Trouble**: Making Kin in the Chthulucene. Duke: Duke University Press, 2016.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Qué es una biblioteca verde**. Disponível em: [https://cdn.ifla.org/wp-content/uploads/IFLA-GreenLibraryDefinition\\_Spanish\\_2022Jan.pdf](https://cdn.ifla.org/wp-content/uploads/IFLA-GreenLibraryDefinition_Spanish_2022Jan.pdf) Acesso em: 20 ago. 2022.

IMBANQUINGO, A. Saberes intergeneracionales del agua en la producción de alimentos Estudio realizado en las comunidades andinas de Laphia y Totorá de Tiquipaya, Cochabamba, Bolivia. In: **Buen vivir y saberes locales**. Sistemas andinos y agroecología. Buenos Aires: CLACSO, 2023.

KROPOTKIN, P. **El apoyo mutuo**. Bogotá: Prosa del mundo, 2022.

LANDA, M. B. Metodologías audiovisuales participativas. Un desafío epistémico, ético y político. **Sociedade e Estado**, [s.l.], v. 37, p. 101-110, 2022.

LATOUR, B. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza do Antropoceno. São Paulo: Editora UBU, 2020.

MALDONADO, B. C.; ROMERO, Z. R. **Abya Yala Wawgeykuna**: Artes, saberes e vivencias de indígenas americanos. España: Hacer-VOS, 2016. Disponível em: <https://crespial.org/wp-content/uploads/2019/09/Abya-Yala-Wawgeykuna-Artes-saberes-y-vivencias-de-indigenas-americanos.pdf> Acesso em: 20 ago. 2022.

MOSTERÍN, J. **Filosofía de la cultura**. España: Alianza, 1994. p. 40-57.

SCOTT, J. C. **Against the Grain**: A Deep History of the Earliest States. Yale: Yale University Press, 2017.

TRISCHLER, H. El Antropoceno, ¿un concepto geológico o cultural, o ambos? **Desacatos**, México, n. 54, p. 40-57, 2017.

TSING, A. L. **The Mushroom of the End of the world**: on the possibility of life in the Capitalism ruin. Princeton: Princeton University Press, 2015.

UNESCO. **La UNESCO y el patrimonio cultural**. 2004. Disponível em: <https://www.unetxea.org/dokumentuak/UNESCOPatrimonio.pdf> Acesso em: 12 sep. 2004.

VILLEGAS-PAREDES, R. Saberes intergeneracionales del agua en la producción de alimentos Estudio realizado en las comunidades andinas de Laphia y Totorá de Tiquipaya, Cochabamba, Bolivia. In: **Buen vivir y saberes locales**. Sistemas andinos y agroecología. Buenos Aires: CLACSO, 2023.

WALSH, C. ¿Son posibles unas ciencias sociales/culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. **Nómadas**, [s.l.], n. 26, p. 102-113, 2007.

ZALASIEWICZ, J.; WATERS, C. N.; SUMMERHAYES, C. P.; WOLFE, A. P.; BARNOSKY, A. D.; CEARRETA, A.; CRUTZEN, P.; CRUTZEN, E.; FAIRCHILD, J.; GAŁUSZKA, A.; HAFF, P.; HAJDAS, I. I.; HEAD, M. J.; SUL, J. A. I.; JEANDEL, C.; LEINFELDER, R.; MCNEILL, J. R.; NEAL, C.; ODADA, E.; ORESKES, N.; WILLIAMS, M. The Working Group on the Anthropocene: Summary of evidence and interim recommendations. **Anthropocene**, [s.l.], v. 19, p. 55-60, 2017.